

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Não há pensamento onde não há liberdade

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra

2024

COORDENAÇÃO

Dina de Sousa

TEXTOS E SELEÇÃO DE DOCUMENTOS

Adosinda Vinhas, Cláudia Carraceno, Inês Moura

CONCEÇÃO E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Ângelo Marques, António Marques, José Malaguerra

MIGUEL TORGA

APRESENTAÇÃO

Miguel Torga (São Martinho de Anta, Sabrosa, 12 de agosto de 1907 - Santo António dos Olivais, Coimbra, 17 de janeiro de 1995), um dos maiores escritores da literatura portuguesa de todos os tempos, é quase sempre visto, como um escritor da terra, ou um escritor telúrico. De seu nome Adolfo Correia da Rocha, o pseudónimo que escolheu, 'Torga', vem da urze, essa singela planta das serranias transmontanas, assumindo, assim, essa fortíssima ligação à terra, ao mundo rural. É, igualmente, uma homenagem a dois Miguéis da cultura ibérica: Cervantes e Unamuno.

Miguel Torga é um Escritor universal, um grande vulto da nossa cultura com uma obra grandiosa que passa pela poesia, pelo teatro, pelo ensaio, pelo conto, pelo romance e pela prosa diarística.

É esse legado que o imortaliza. O reconhecimento da sua vida e obra está contemplado nos inúmeros prémios literários que ganhou, entre os quais o Prémio Camões, em 1989. O seu nome foi também indicado para o Prémio Nobel da Literatura.

Conhecido pela sua verticalidade na defesa dos valores cívicos, vivenciou a censura de alguns dos seus livros, para além de ter sido preso pela PIDE, em Leiria (novembro de 1939).

Teve a sua vida devassada pelo regime, onde se incluíam as suas viagens, os encontros com amigos, assim como os rendimentos usufruídos enquanto médico. Desafiando o sistema político, terá oferecido um dos seus livros a Salazar.

Nunca se vinculando a regras, optou por ser o editor dos seus próprios livros, numa cumplicidade com a Coimbra Editora. *“Apesar de ser conotada como uma editora pró-regime, a editora coimbrã foi uma das casas que escondeu e protegeu as publicações de Miguel Torga, evitando que estas fossem apreendidas e destruídas pela PIDE”*.

Ao assinalarmos os 50 anos do 25 de abril, recordamos essa referência tutelar da Liberdade.

Efetivamente, o “Orfeu rebelde”, colocou sempre o seu génio ao serviço do cumprimento de uma sociedade mais justa, onde os princípios e os valores do socialismo democrático, caminhariam no sentido do Homem Universal. E, assim, sonhava um destino para Portugal, nessa luta espiritual, intelectual, moral e social.

Combatente da liberdade, socialista humanista, insurgiu-se contra todas as formas de totalitarismo, sendo um exemplo de resistência à ditadura.

Cidadão livre, inconformista e, por vezes, incómodo, Torga sabia que *“a única maneira de ser livre diante do poder, é ter a dignidade de o não servir”*.

Com esta exposição pretende-se evocar o escritor e a sua inquietante dimensão enquanto lutador pela liberdade bem como, o seu posicionamento no conturbado período dos pós 25 de abril.

O processo original da PIDE está guardado nos acervos da Torre do Tombo, em Lisboa. Na sua casa Torga guardava uma cópia que alguém lhe terá ofertado. Contudo, a ele se faz alusão na memória descritiva desta exposição, bem como a outros documentos pertença do espólio do escritor, estabelecendo uma cronologia de eventos que decorreram ao longo da vida do escritor.



ESTADO NOVO

1933 | 1974

Aprovação da Constituição portuguesa de 1933, documento fundador do Estado Novo, com António de Oliveira Salazar a assumir a chefia do Governo. Os direitos e garantias individuais dos cidadãos seriam regulados por “leis especiais”, nomeadamente, a liberdade de expressão, reunião e associação.

Este período que se viveu em Portugal até 1974, foi também conhecido por Salazarismo, por se ter centrado na figura de Salazar, que se encontrou no poder até 1968. O seu sucessor, Marcelo Caetano, governou até 1974, período designado de Marcelismo.

Tendo sido instituída a censura, todas as publicações que abordassem assuntos políticos e sociais deveriam ser submetidas a análise prévia, antes de serem publicadas.

A grande maioria dos escritores nacionais, como foi o caso de Miguel Torga, nunca terá acedido a enviar as suas obras à análise prévia, independentemente do prejuízo que poderia trazer à editora, tipografia e ao próprio autor da obra. Nestes casos, as obras eram apreendidas, e em muitos casos, consoante a gravidade da situação, era instaurado um processo-crime, levando os autores a permanecer presos durante um período.

29.08.1933

É criada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) que tinha como atribuições a vigilância das fronteiras, verificando as entradas, permanências e saídas de estrangeiros; a segurança do Estado, com a prevenção e repressão contra os crimes de natureza política e social.

1937

Publica *A Criação do Mundo* (Os dois primeiros dias).

Trata-se de um romance autobiográfico, através do qual o escritor, utilizando as suas experiências de vida, reflete sobre o mundo que o envolve.

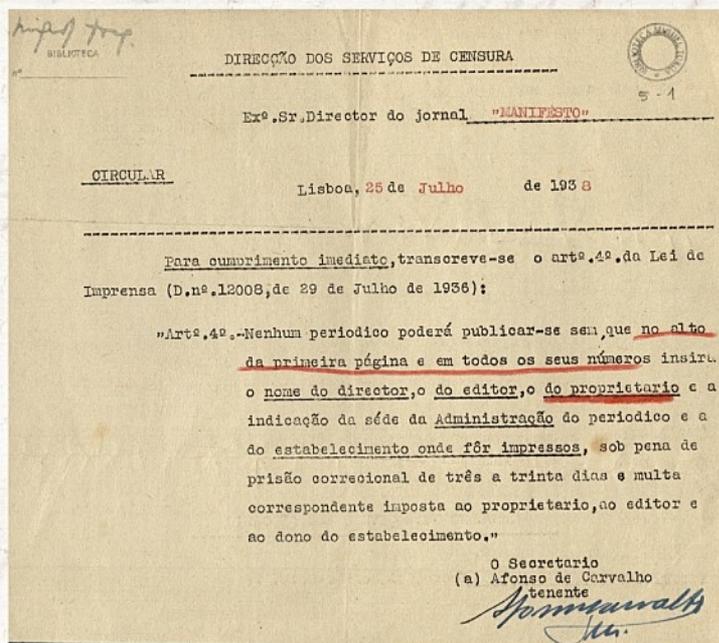
1938

Publica *A Criação do Mundo* (Terceiro Dia).

Foi confrontado, pela primeira vez, com a censura, que exige a identificação do diretor, editor e proprietário da revista *Manifesto* - publicação só dura cinco números.

1939

Desde junho de 1939 que Miguel Torga residia em Leiria, na rua Comandante João Belo, nº5, onde exercia Medicina.



Circular da Direcção dos Serviços de Censura para o Director do "Manifesto" (25.07.1938)
Casa-Museu Miguel Torga



Fotografia de uma casa localizada em Leiria e na qual habitou Miguel Torga, nos anos de 1939 e 1940.
Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira - Espólio de Carlos Eugénio (nº de registo 45567)

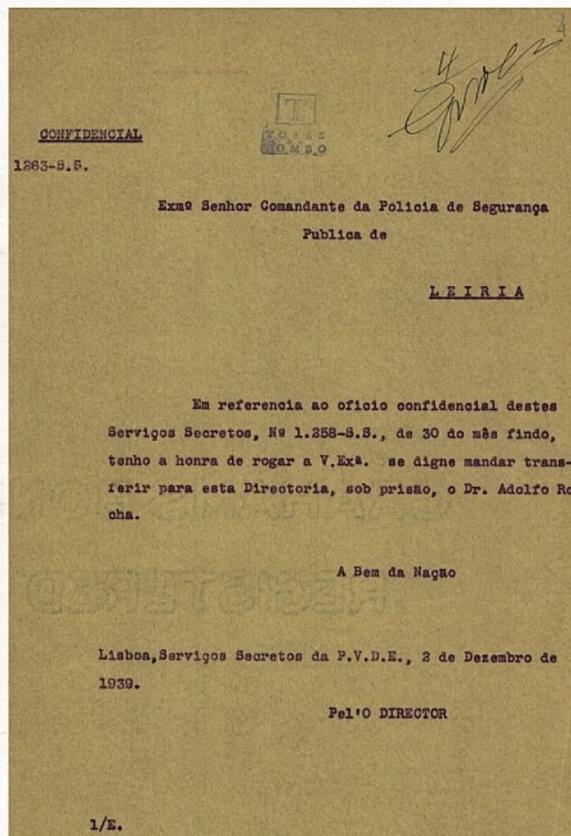
2.12.1939

A 2 de Dezembro de 1939, os serviços secretos da PVDE solicitam a transferência de Miguel Torga da sede prisional da PSP de Leiria para o Aljube de Lisboa, ou seja, uma das prisões políticas que estavam sob alçada direta da PVDE.

3.12.1939

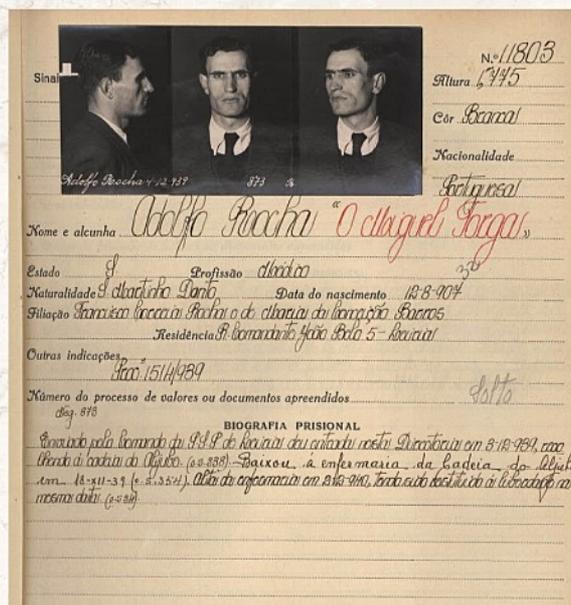
Chegou à sede da PVDE no dia 3 de dezembro de 1939, pelas 15h, tendo-lhe sido tiradas as fotografias de frente, de perfil e a três quartos, e submetido a um interrogatório.

Na obra *A Criação do Mundo - o quinto dia*, o escritor descreve os principais momentos vividos desde a sua prisão até à sua libertação, publicada apenas em 1974.



Ordem de transferência de Miguel Torga para o Aljube.

Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. PIDE, Serviços Centrais, processo crime nº 1514/39, NT 4598



Registo de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga.

PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 96, nº 11803

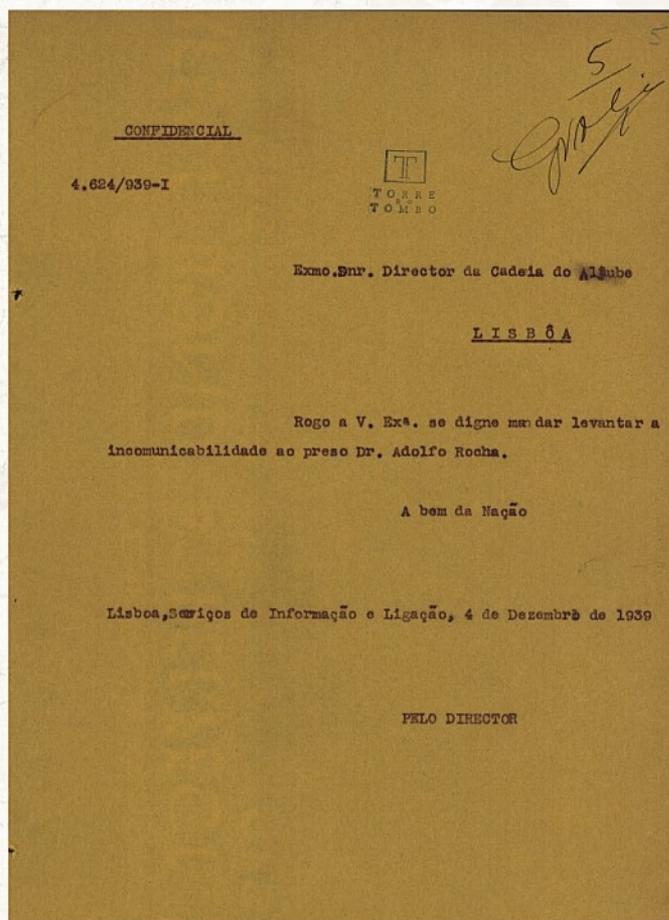
Durante 5 dias, Miguel Torga, esteve totalmente incontactável, não podendo falar com ninguém no interior da prisão, não podia receber visitas do exterior, não podia ler nenhum livro, nem mesmo de medicina, não podia receber ou enviar correspondência, não podendo sequer escrever.

4.12.1939

Apenas a 4 de dezembro de 1939, através de uma ordem de serviço “confidencial”, Miguel Torga ficou comunicável, ficando autorizado de receber a visita de amigos e enviar ou receber cartas, que seriam previamente analisadas pelos agentes da PVDE.

Foram várias as manifestações de solidariedade e protestos que se fizeram sentir relativamente à injustiça que envolveu a prisão do autor.

Destacando-se um pequeno memorial do deputado António de Almeida, logo depois da prisão do escritor, que teceu breves comentários à obra apreendida, denunciando também a injustiça de volta da prisão do escritor, solicitando a sua libertação. No entanto, Miguel Torga continuou preso.



Ordem de levantamento da incomunicabilidade.

Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. PIDE, Serviços Centrais, processo crime nº 1514/39, NT 4598

11.12.1939

As informações recolhidas no interrogatório de Miguel Torga, na sede da PSP de Leiria, foram remetidas à delegação da PVDE em Lisboa, e com base desses dados, a 11 de dezembro de 1939, a polícia política faz um resumo das principais medidas tomadas na sequência da apreensão do livro.

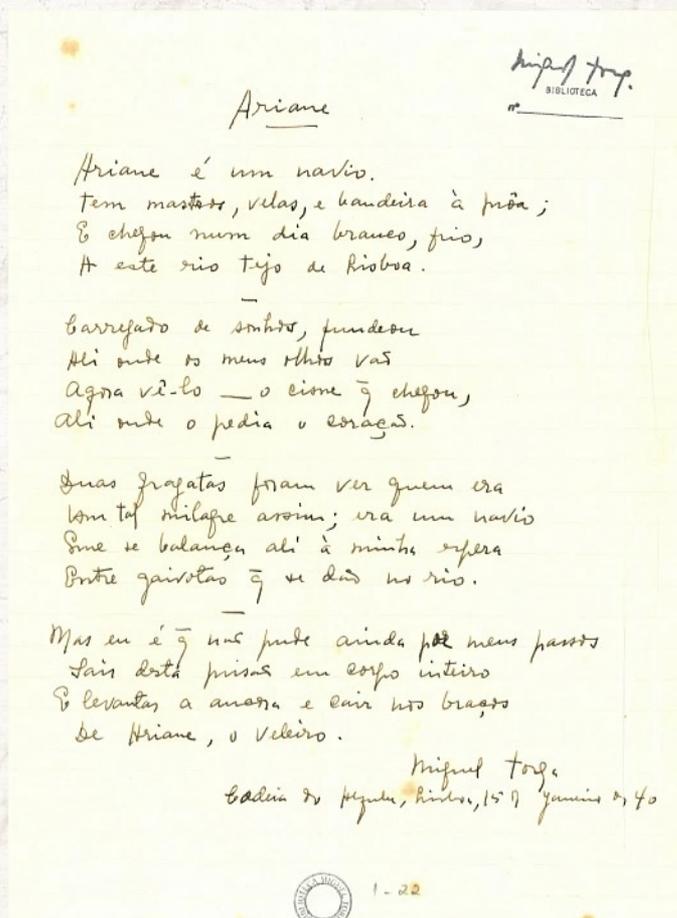
"Ex.mo Senhor:

Dando cumprimento à ordem de serviço de V. Excelência, de 30 do mês findo, puz-me [sic] em comunicação telefónica com a Inspeção de Coimbra à qual ordenei a apreensão do livro e que averiguasse a identidade do autor. Obtida esta e tendo já pedido a apreensão do livro a várias outras localidades, solicitei ao Comandante da P.S.P. de Leiria a detenção do Dr. Adolfo Rocha autor do livro "O quarto Dia da Creação [sic] do Mundo" e que publicara com o pseudónimo de Miguel Torga" (PIDE, Serviços Centrais, processo crime nº 1514/39, NT 4598)

18.12.1939

Com riscos de perfuração numa úlcera, o escritor baixou à enfermaria do Aljube, no dia 18 de dezembro de 1939. Foi a partir deste momento, que Torga passou a poder escrever.

Escreveu o poema *Lembrança*, a 6 de dezembro, vários dias antes de ter sido internado, ou seja, é possível que Miguel Torga tenha concebido o poema de modo secreto, ou que o tenha memorizado até que pudesse libertá-lo para o papel.



Poema Ariane escrito por Miguel Torga no Aljube.

Casa-Museu Miguel Torga

2.02.1940

Na enfermaria do Aljube passou o Natal e forjou alguns dos seus mais afamados poemas de resistência: *Canção*, *Ariane* e *Claridade*.

Obteve alta a 2 de fevereiro de 1940, tendo sido de imediato libertado. Apesar de ter sido restituído ao escritor um exemplar do livro que tinha motivado a abertura do seu processo-crime, isso não significou o fim da proibição da sua circulação. Apenas em 1971, *O quarto dia da Criação do Mundo* voltou a ser reeditado.

27.07.1940

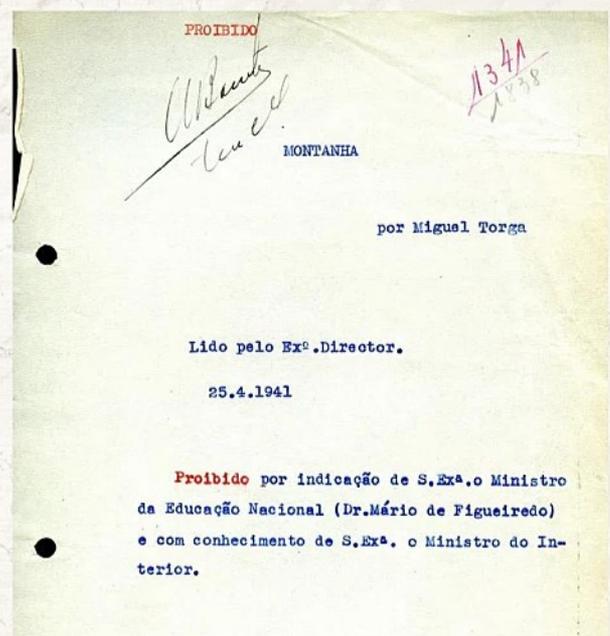
No ano de 1940 a vida de Miguel Torga iria tomar um novo rumo, com o casamento com Andrée Crabbé, uma jovem belga que conhecera em Coimbra, em casa de Vitorino Nemésio, de quem era aluna em Bruxelas. E nesse ano, publica um livro de contos, *Bichos*, um dos mais representativos da sua obra.

1941

Publica o primeiro volume do *Diário*; o volume de teatro *Terra firme, Mar e Montanha*.

25.04.1941

Voltou a enfrentar o drama de ver apreendido mais um dos seus livros, *Montanha*, no dia 25 de abril de 1941, pela DGC, depois de uma indicação do Ministro da Educação Nacional Mário de Figueiredo. Porém, a PVDE não foi chamada a intervir nesta situação, não tendo sido instaurado nenhum processo-crime ao escritor.



Despacho da censura à 1ª edição da obra "Montanha"

Ephemera, Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira

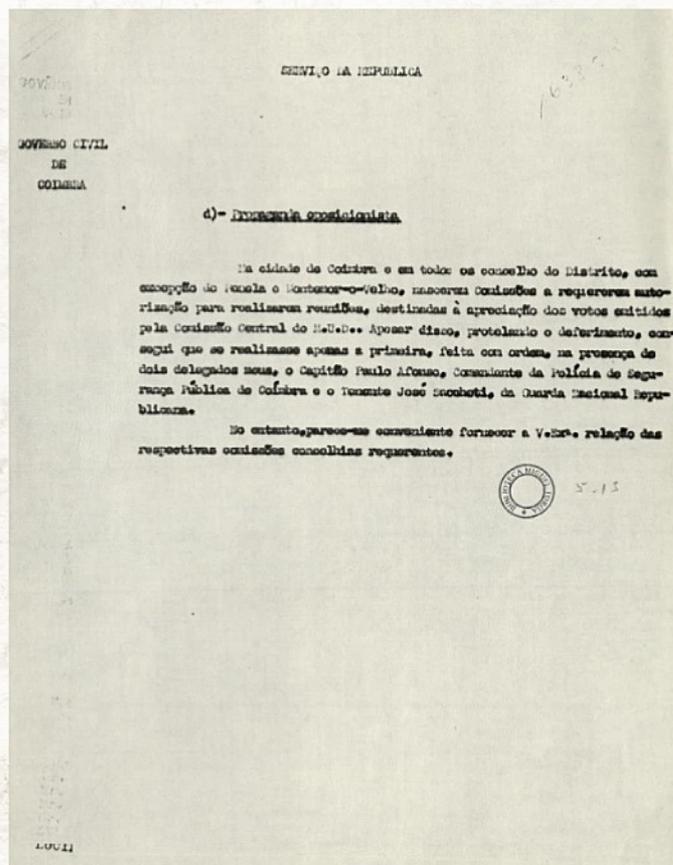
Miguel Torga continua a publicar as suas obras, recusando-se a enviá-las à censura prévia e assumindo os custos das suas publicações, para não causar eventuais prejuízos aos editores.

08.10.1945

Foi um dos escritores que manifestou apoio às resoluções tomadas no Centro Republicano Almirante Reis, localizado em Lisboa. Da reunião do dia 8 de outubro de 1945 neste Centro Republicano, resultou a criação do Movimento de Unidade Democrática, tendo em vista a sua participação nas eleições para a Assembleia Nacional de Novembro de 1945.

22.10.1945

A 22 de outubro de 1945 foi extinta a PVDE, tendo sido criada para a sua substituição a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE).



Ofício do Governo Civil de Coimbra sobre a Comissão Central do M. U. D. e a adesão de Escritores, entre os quais Miguel Torga
20/12/1945
Casa-Museu Miguel Torga

Uma das vias para a PIDE conseguir informações sobre as atividades “oposicionistas” passava pelas denúncias, anónimas ou não, feitas por qualquer cidadão e que constituía motivo suficiente para a polícia política iniciar uma minuciosa investigação.

11.1946

Miguel Torga figura como um dos signatários de um protesto entregue por vários intelectuais portugueses ao então Presidente da República, Óscar Carmona.

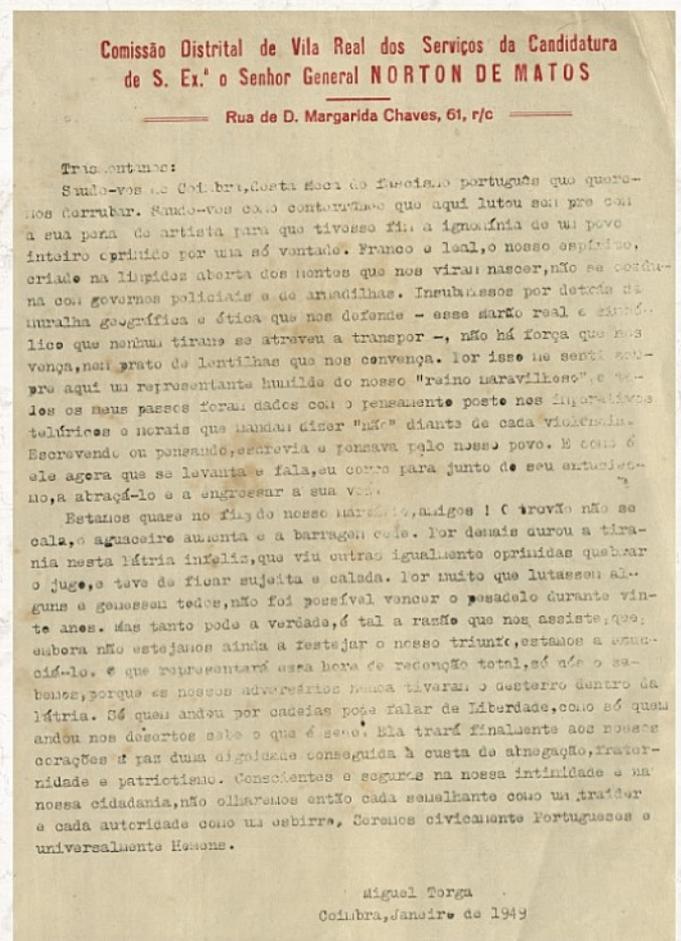
1947

Em 1947, Andrée foi demitida, por ordem de Salazar, das funções de professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por ter criado uma fase especial de exames aos alunos que tinham feito greve no momento normal de avaliação.

A 1 de agosto de 1947 foi enviada uma carta à PIDE que denunciava atividades de propaganda comunista do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), precisamente o mesmo grupo de teatro que levou a cena em 1948 e 1953 o drama *Terra Firme*, de Miguel Torga, e que foi submetido à apreciação da DGC.

1949

Participa na campanha eleitoral do General Norton de Matos, candidato a Presidente da República, em 1949, mas que acabaria por anunciar a sua desistência à candidatura, tendo sido eleito pela 3ª vez Óscar Carmona.



Campanha do General Norton de Matos. Circular da autoria de Miguel Torga. Jan. 1949.

Policopiado
Casa-Museu Miguel Torga

18.01.1949

Miguel Torga concedeu uma entrevista ao *Jornal Diário de Lisboa* onde manifestava a sua aversão ao Estado Novo.

18.04.1951

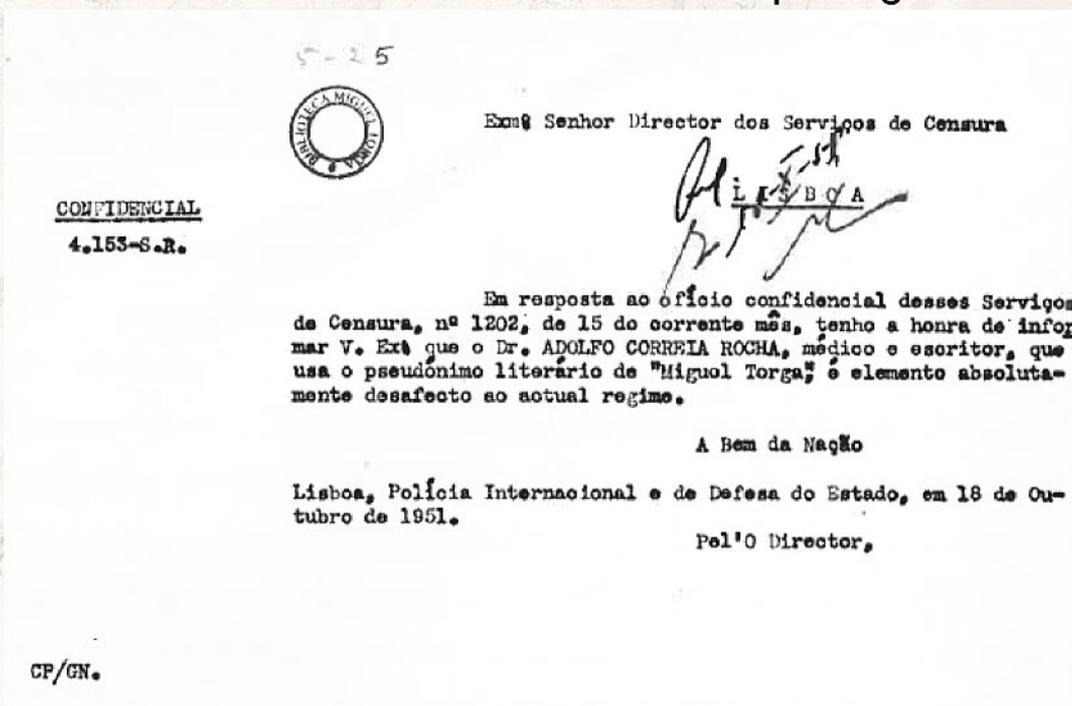
Falece Óscar Carmona forçando o regime português a convocar “eleições” antecipadas, tendo sido eleito o General Craveiro Lopes, depois de Quintão Meireles ter desistido da sua candidatura.

18.10.1951

A DGC solicitou à PIDE informações em relação a Miguel Torga, informações essas remetidas à DGC, no dia 18 de outubro de 1951, e que informavam que Miguel Torga era um elemento absolutamente desafeto ao atual regime.

6.07.1952

Uma carta enviada à PIDE a 6 de julho de 1952, denunciava o perigo que Miguel Torga e António José Ribeiro Dias representavam para a paz de todos os portugueses.



Offício do Diretor da PIDE, de Lisboa, para o Diretor dos Serviços de Censura, sobre Adolfo Rocha/
Miguel Torga
18.10.1951

Casa-Museu Miguel Torga (5-25)

1954

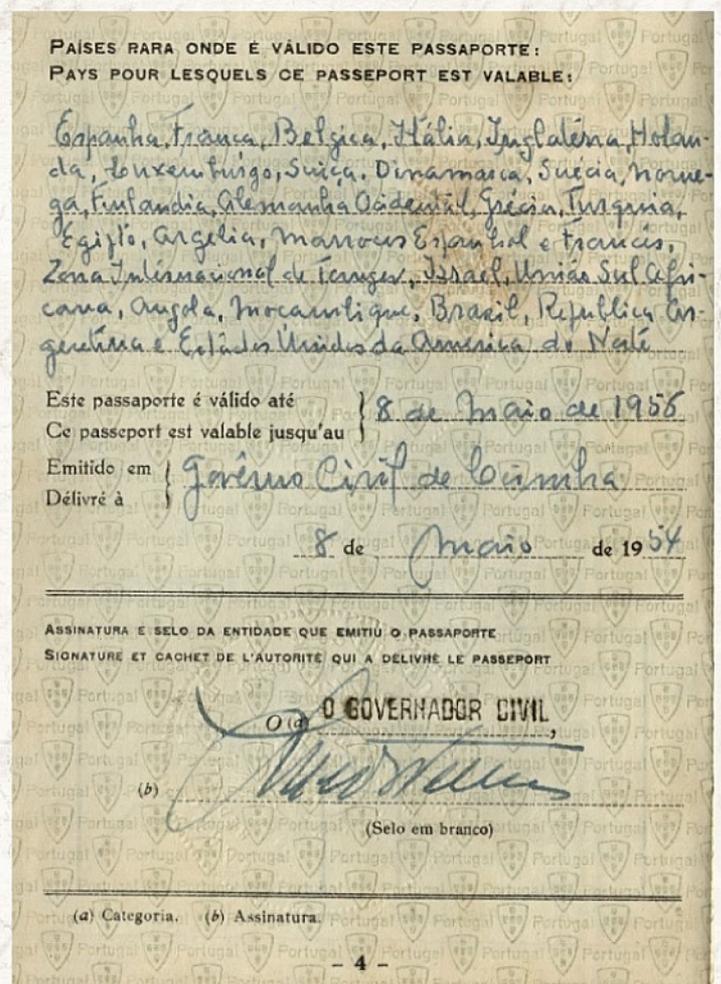
Um dos meios que o regime recorria para obter informações, era também pela interceção ou violação de correspondência, vigiando indivíduos já identificados como “perniciosos”. Sendo Miguel Torga um destes suspeitos, a PIDE recorreu várias vezes a este método, tendo intercetado correspondência cujo conteúdo se relacionava com o escritor. Foi através deste procedimento que a PIDE ficou a saber que Miguel Torga poderia vir a participar no Congresso de escritores em São Paulo, no Brasil, em agosto de 1954. Para Miguel Torga poder sair de Portugal, necessitava de passaporte, facto que já lhe tinha sido negado, por exemplo, em 1948.



Crachá do Congresso
Internacional de
Escritores,
S. Paulo, 1954
Casa-Museu Miguel
Torga

28.07.1954

A PIDE acabou por autorizar a sua deslocação, (bem como da sua esposa) ao Brasil, e, um dia depois da sua partida chegou uma denúncia à PIDE com comentários sobre a sua viagem.



Passaporte de Miguel Torga em 1954.
Casa-Museu Miguel Torga

1955

Depois da proibição de circulação, em Portugal, do volume de contos *Montanha*, Miguel Torga, mandou fazer no Brasil, uma nova edição, alterando o título para *Contos da Montanha*, conseguindo a circulação clandestina, em Portugal, até 1969, sem que o regime português se apercebesse de que tratava do conteúdo já antes proibido.

1956

Foi proibida a obra *Sinfonia*, um livro que não conheceu nenhuma outra edição.

1958

Participou na Campanha de Humberto Delgado.

1959

Miguel Torga publica o volume VIII do seu *Diário*¹ sem ter sido primeiro submetido a censura prévia. Este volume versa assuntos de natureza política e social, e, portanto, a PIDE e a DGC iriam estar atentos a esta circulação.



Miguel Torga saudado durante o primeiro comício de Humberto Delgado em Coimbra (1958).

ROCHA, Clara - Miguel Torga: fotobiografia.
Alfragide: D. Quixote, 2018. ISBN 978-972-20-6588-7

¹⁰ Diário de Miguel Torga inclui 16 tomos publicados entre 1941 e 1993 e que abordam os mais variados assuntos, com comentários de Miguel Torga a acontecimentos, nacionais e internacionais, ataques ao Estado Novo, discursos em campanhas eleitorais, reflexões feitas nas viagens entre outros aspetos que o escritor considerava relevante.

27.12.1959

Surge em primeira mão, no *Diário de Coimbra*, a notícia da provável candidatura de Miguel Torga ao prémio Nobel de Literatura. Lusitano Barreto noticiava que o escritor teria sido proposto à Academia de Estocolmo pelo Professor Aquarone de Montpellier.

29.12.1959

Joaquim Montezuma de Carvalho redige um artigo publicado no jornal *República*, onde apresenta fortes críticas à candidatura de Miguel Torga ao prémio Nobel da Literatura. Esta opinião ocasionou uma grande controvérsia: uns apoiam Miguel Torga; outros Aquilino Ribeiro (também ele candidato ao prémio em 1960). Diariamente foram publicadas crónicas em jornais, assumindo as lutas entre os apoiantes das duas candidaturas.

13.01.1960

Amândio César publica um artigo no *Diário da Manhã* onde exprime a tristeza que sentia pelos ataques que tinham sido feitos a Miguel Torga. Desta polémica nem a Sociedade Portuguesa de Escritores, presidida na altura por Jaime Cortesão, se inibiu de expor a sua preferência, enviando uma carta à Academia Svanska de Estocolmo frisando que pretendia

“recomendar a [candidatura] de mestre Aquilino Ribeiro, dando igualmente o apoio à do grande poeta e notável romancista Miguel Torga, que também reúne os sufrágios de muitos dos seus colegas e admiradores portugueses”.

18.02.1960

É divulgada a confirmação definitiva da candidatura de Miguel Torga ao Nobel.

20.02.1960

São apreendidos os exemplares da última obra publicada por Miguel Torga, o *volume VIII do Diário*. A brigada da delegação da PIDE em Coimbra percorreu livrarias e tabacarias à procura dos exemplares que ainda se encontrassem à venda, apreendendo um total de 503 exemplares.

25.02.1960

O *volume VIII do Diário* passa a poder circular em Portugal, no entanto, não lhe podiam ser feitas referências na imprensa. Tal facto deveu-se, talvez, a Miguel Torga ser candidato ao prémio Nobel da Literatura, ou seja, tratou-se de um recuo estratégico de modo a minimizar os efeitos que a apreensão da obra poderia trazer para a imagem externa de Portugal.

27.02.1960

A *Voz*, um jornal nacional ao dispor do regime português, no dia 27 de fevereiro de 1960 chegou a desmentir a apreensão do volume VIII.

27.10.1960

No jornal *O Século* revela-se o vencedor do Nobel, o diplomata francês Saint-John Perse.

6.526

POLÍCIA INTERNACIONAL
E DE DEFESA DO ESTADO

CONFIDENCIAL

N.º 1.884-S.R.

Exp.º Senhor
Inspector Adjunto da Polícia Internacional e de
Defesa do Estado

COIMBRA

Em referência ao ofício confidencial dessa Subde-
legação, n.º 60/60-S.R., de 24 de mês em curso, informo V.Ex.ª que,
segundo a Direcção dos Serviços de Censura, o livro intitulado
"DIÁRIO", VIII Volume, de Miguel Torga, pode continuar a circular
no País, sem que, no entanto, se lhe possam fazer referências na
Imprensa.

A Bem da Nação
Lisboa, 26 de Fevereiro de 1960

Pe.º DIRECTOR,

Entrada N.º 104
REC. EM 27/2/1960

Entrada N.º 13
REC. EM 27/2/1960

Mod. 107 - 50.000 ex. - Alvaro T. dos Anjos, L.º - 0710

Informação que permitia a circulação do livro *Diário, volume VIII.*

Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. Arquivo Nacional Torre do Tombo. PIDE, Delegação de Coimbra, Processo de informação n.º 6526, NT 4523
PT-TT-PIDE-DC-C-1-6526

23.06.1962

Miguel Torga enviou ao diretor da PIDE uma carta a pedir autorização para fazer uma viagem a Moscovo, URSS, com o objetivo de assistir ao Congresso Internacional do Cancro que se realizaria entre os dias 22 e 29 de julho de 1962. Assim, o escritor solicitava que lhe fosse averbada, no seu passaporte, a autorização.

12.09.1967

A PIDE ficou ao corrente da participação de Miguel Torga no Colóquio Internacional sobre a Pena de Morte, realizado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde o escritor expressou a sua opinião contra a pena de morte.

6.11.1967

Miguel Torga subscreveu um documento onde vários intelectuais portugueses denunciavam irregularidades cometidas pelo Estado e a forma como estas influenciavam a vida dos portugueses. Este protesto foi enviado ao Presidente da Assembleia Nacional.

17.09.1968

Foi reunido o Conselho de Estado, depois de António de Oliveira Salazar ter sofrido uma queda e lhe ter sido declarada a incapacidade física permanente.

“A caminho de Lisboa, 26 de setembro de 1968 - A rádio acaba de transmitir a notícia de que Salazar, em coma, foi exonerado e substituído na Presidência do Conselho. N História do mundo nada aconteceu, mas na de Portugal, acabou um reinado, uma época - trágica, como se há-de ver -, uma maneira específica de governar, qualquer que seja a vontade do sucessor.”

Miguel Torga, Diário XI, 1973.

1968

Marcelo Caetano sobe ao poder como sucessor de Salazar, trazendo com ele uma onda de esperança que ficou eternizada com a expressão “Primavera Marcelista”. Procedeu à mudança de várias nomenclaturas, como por exemplo, a PIDE passou a designar-se DGS (Direção-Geral de Segurança), em 1969, e a Censura passou a ser apelidada de Exame Prévio, em 1972.

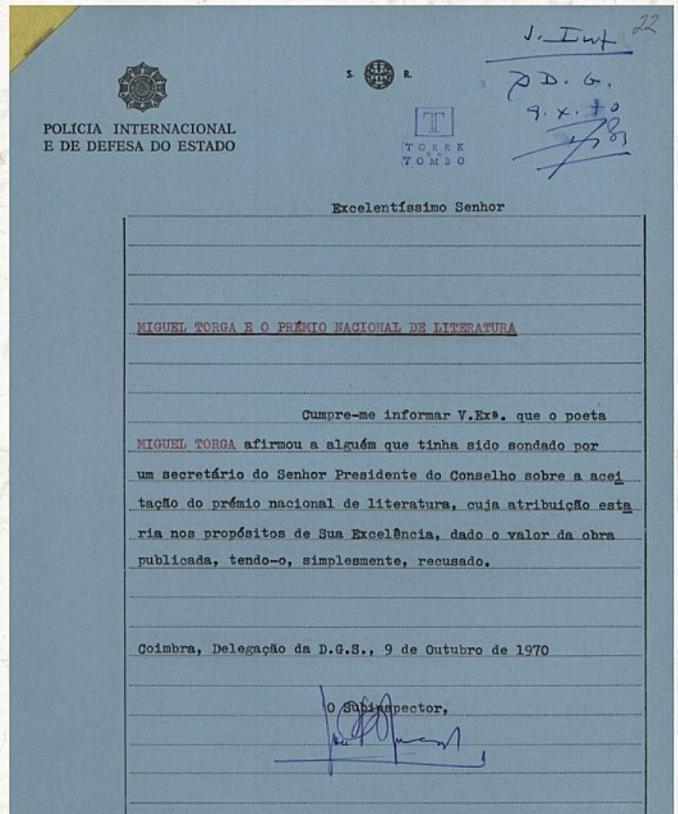
1969

Subscreveu o “Manifesto dos Escritores ao País” onde se teciam comentários sobre a situação política de Portugal. A DGS proibiu, imediatamente, a divulgação do manifesto, também porque a 26 de outubro iriam ocorrer as eleições de deputados para a Assembleia Nacional.

Torga recusa o Grande Prémio Nacional de Literatura, por se tratar de um prémio oficial, outorgado pelo regime.

17.04.1969

Foi-lhe atribuído o Prémio Diário de Notícias, galardão instituído em 1957 e que consagrava obras de arte e literárias.



Informação sobre a recusa ao Prémio Nacional de Literatura.

Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. Arquivo Nacional Torre do Tombo. PIDE, Delegação de Coimbra, Processo de informação n.º 6526, NT 4523
PT-TT-PIDE-DC-C-1-6526

“Aveiro, 16 de Maio de 1969 - Congresso republicano. Mal entrei na sala e me sentei, aproximou-se um jornalista a pedir uma palavra para o seu jornal. E desiludi-o: -Desculpe, mas estou aqui como povo, e o povo em Portugal não diz nada.”

Miguel Torga, *Diário XI*, 1973

07.1969

Subscreve outro manifesto, também relacionado com as eleições de deputados, dirigido ao povo de Coimbra onde se criticavam os governantes do regime vigente e se apoiavam os candidatos da oposição.

15.05.1974

O General António de Spínola foi nomeado para Presidente da República. Até 25 de novembro de 1975, viveu-se um período de grande agitação social, política e militar, designado de Processo Revolucionário em Curso e que apenas terminou com a movimentação militar conduzida pelas Forças Armadas Portuguesas, estabilizando a conjuntura política.

REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

25.04.1974

Revolução dos Cravos - Movimento político e social que pôs fim ao regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933. Este movimento foi liderado pelo Movimento das Forças Armadas que tinham participado na Guerra Colonial e que acabaram por atingir o regime político em vigor.

01.06.1974

Torga participa no 1º Comício do Partido Socialista, em Coimbra, e a 30 de junho no comício socialista de Sabrosa. Profere o discurso de abertura onde celebra a hora "*de júbilo e comunhão à mesa eucarística da liberdade*", terminando com palavras de esperança

1974

Publica o *Quinto Dia da Criação do Mundo*, 35 anos depois da apreensão do *Quarto Dia da Criação do Mundo*. No *Quinto Dia*, Miguel Torga, expõe a sua experiência da prisão.

1975

Miguel Torga tem acesso ao dossier que continham fotocópias de cartas pessoais violadas, relatórios confidenciais, listas de assinaturas, textos de intervenção.

25.04.1976

Entra em vigor a nova Constituição democrática e realizam-se as primeiras eleições legislativas da nova República.

“Coimbra, 18 de Fevereiro de 1975 - Uma alma devotada envia-me um monte de fotocópias do meu processo na PIDE. Um acervo de documentos ridículos e trágicos ao mesmo tempo. Os passos que dei durante quarenta anos seguidos hora a hora, reproduções de cartas particulares que escrevi e recebi, denúncias feitas por pessoas insuspeitadas, quanto ganhava e não ganhada no consultório, minúcias de que me esquecera, todo o meu passado coligido, vasculhado, devassado.

E tive pena de mim. [...] Descarnada de qualquer substância anímica, mais objectivamente exacta do que a biografia que porventura aflora à tona do que escrevi, parecia o relato de uma autópsia. Exsicado, via-me ali reduzido a um despojo arqueológico, como se todos os meus actos fossem equivalentes e tivesse passado por eles o sopro do nada.”

Miguel Torga, *Diário XII*, 1977

**NÃO HÁ
PENSAMENTO
ONDE NÃO HÁ
LIBERDADE**



Arquivo Nacional Torre do Tombo [Em linha]. PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 96, nº 11803

Arquivo Nacional Torre do Tombo [Em linha]. Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. Arquivo Nacional Torre do Tombo. PIDE, Delegação de Coimbra, Processo de informação n.º 6526, NT 4523

Arquivo Nacional Torre do Tombo [Em linha]. Processo crime de Adolfo Correia Rocha, de pseudónimo Miguel Torga. PIDE, Serviços Centrais, processo crime nº 1514/39, NT 4598

Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira [Em linha]. Espólio de Carlos Eugénio (nº de registo 45567)

Ephemera, Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira [Em linha]. Despacho da censura à 1º edição da obra “Montanha”

NUNES, Renato - *Miguel Torga e a Pide (A Representação e os Escritores no Estado Novo)*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra: 2007. ISBN 9789727981977

ROCHA, Clara - *Miguel Torga: fotobiografia*. Alfragide: D. Quixote, 2018. ISBN 978-972-20-6588-7



"Liberdade. Passei a vida a cantá-la, mas sempre com a identidade no pensamento, ciente de que é ela o supremo bem do homem. Nunca podemos ser plenamente livres, mas podemos em todas as circunstâncias ser inteiramente idênticos. Só que, se o preço da liberdade é pesado, o da identidade dobra. A primeira, pode-nos ser outorgada até por decreto; a outra, é sempre da nossa inteira responsabilidade"

TORGA, Miguel in *Diário*, Coimbra, 1 de Março de 1950



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

CASA-MUSEU
**MIGUEL
TORGA**
1907-1995

